

## METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA: FRONTEIRAS DE DISCURSOS, MARGENS DA NAÇÃO

Maria Beatriz Bastos\*

**RESUMO:**

*O romance Tocata para Dois Clarins, do escritor português Mário Cláudio, realiza uma incursão num período da história lusíada marcado pela consolidação do ideário e da mentalidade do Estado Novo. Através da justaposição entre história e ficção, Tocata para Dois Clarins apresenta-se como lugar em que se confirmará a crise de duas grandes narrativas: a História e a Nação.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-modernidade, História, Nação.

Texto polifônico, bricolage pós-moderna, *Tocata para Dois Clarins* reflete a principal preocupação da nova geração de escritores portugueses: a busca (ou a recuperação) da identidade lusíada esfacelada na independência das colônias ultramarinas.

Pensar a configuração de uma identidade nacional é pensá-la enquanto imagem construída coletivamente. Tal aproximação revela-se fundamental uma vez que, em uma perspectiva pós-moderna, conceitos como identidade e nação sofrem um redimensionamento provocado pela perda do sentido de unidade e totalização. Se até então a harmonia e o consenso eram enfatizados em nome do progresso, ocorre, na era contemporânea, uma subversão desses valores através da denúncia de um discurso conciliatório que significou apenas o apagamento de fraturas e a maquiagem de cicatrizes.

Nesse contexto, a imagem nacional criada por uma coletividade possuirá, naturalmente, as rasuras que caracterizam todo o processo de construção

\* Mestre em Teoria da Literatura, 1996.

identitária na pós-modernidade. O texto literário em questão reflete esse processo e o absorve, na medida em que aborda a discussão de modelos de identidade nacional, indiciando a desconstrução de duas grandes narrativas – a História e a Nação. Sua leitura implicará, portanto, um estudo da condição pós-moderna sobretudo no que se refere às conseqüências do que Lyotard denuncia como o declínio dos grandes relatos, a perda da credibilidade das metanarrativas fundadoras:

Na sociedade e cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna a questão da legitimidade do saber coloca-se em outros termos: o grande relato perdeu sua credibilidade seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido. (LYOTARD, 1986).

Caracterizando a pós-modernidade como lugar de alteração na legitimidade das formas fundamentadas no saber narrativo, busca-se, concomitantemente, valorizar a fragmentação, a heterogeneidade, as margens do conhecimento. Na visão de Lyotard, a demanda da pós-modernidade se inscreve na deslegitimação dos valores de emancipação totalizante e na desmistificação da homogeneidade de suas narrativas – que esquematicamente subordinam, explicam, organizam outros discursos, desarmando diferenças e petrificando dissonâncias.

Desconstruir, descentralizar, deslegitimar... *Tocata para Dois Clarins* reflete, em sua estrutura, estas preocupações teóricas do pós-moderno; suas trilhas – fraturadas por vozes nascidas às margens de textos monumentais – buscam uma leitura igualmente desconstrutora. Segundo JENNY (1978), há um duplo movimento de reciprocidade entre os modos de leitura e os modos de escrita de determinada época. Essa articulação, que garante a dinâmica do processo de geração de sentido em qualquer texto, evidencia-se ainda mais em um contexto pós-moderno. A leitura de *Tocata para Dois Clarins* exige, pois, a cumplicidade de um leitor que procure perceber os fios soltos da narrativa – propositadamente estilhaçada, expressando o esfacelamento interior dos personagens provocado pela violência discursiva a que foram submetidos durante quatro décadas.

Captar a diversidade significativa do discurso aparentemente linear do Regime ou mesmo dos monólogos dos personagens implica reconhecer, neste romance de Mário Cláudio, a intenção de quebrar a fixidez imposta pelo olhar

centrado no passado de glórias. No texto, as marcas desse rompimento se refletirão em diversos aspectos: na disposição dos capítulos, alternando o monólogo de Antônio e Maria com a voz do sistema; no esvaziamento das falas superlativas pontuadas pelos alto-falantes da emissora nacional; na configuração da ruína – presente na desmontagem da grande Exposição.

As bifurcações são abertas na escrita de uma Tocata que pressupõe, em seu significado musical, o contracanto, a polifonia. Assim, em um primeiro instante, faz-se necessário redimensionar *Tocata para Dois Clarins* enquanto obra que se reconhece como espaço de reenunciação, de confluência de discursos, espaço não de destruição, mas de superação e ultrapassagem.

Compondo uma tocata com notas dissonantes, Mário Cláudio não aplaina a superfície do texto; ao contrário, procede a uma leitura crítica e, simultaneamente, "revitalizadora" do discurso do regime – contradição que garante a polifonia, a multiplicidade, o descentramento. Se o discurso hegemônico tende a instalar todos os acontecimentos em torno de um único centro, o texto de Mário Cláudio apresenta-se como arena onde serão combatidas a centralização e a homogeneidade.

A prática desconstrutora ocorre fora das operações binárias da metafísica, não se limitando a opor um conceito a outro. A desconstrução se revela no movimento de apropriação de conceitos para em seguida subvertê-los. Em *Tocata para Dois Clarins* tal procedimento se afirmará continuamente. Algumas figuras monumentalizadas do passado lusíada são desconstruídas por meio de caracterizações sutilmente ironizadas. Assim, Dom Afonso de Albuquerque, um dos "fundadores" da nacionalidade lusíada, é descrito ambigualmente:

[Dom Afonso de Albuquerque] Aquele varão sereníssimo, que foi vice-rei das Índias (...). Usando de tacto sem paralelo, promoveu ele o casamento da soldadesca portuguesa, que tinha na conta, já, de a melhor do Mundo, com raparigas indianas, encetando uma política admirável de integração. E tomou cidades, e arrasou acampamentos, e distribuiu esmolas, e leu os textos evangélicos. Se foi, acaso, motivo de pânico, para nações inteiras, não deixou de ser, contudo, um expoente de afabilidade. (...) Inspiravam-lhe as divindades locais (...) uma repulsa reverente. E, se o surpreendiam algumas vezes, baixando a mirada negra e profunda, diante da estátua de Kali, não raro o espreitavam a entoar o Magnificat, prometendo à Virgem tesouros opulentos ou sacrifícios enormes. (TC: p.96-98).

A ambivalência da apresentação dessa figura monumental do passado lusíada projeta a intenção de reversão dos pólos ideológicos do texto – a exaltação patriótica é transpassada por um burburinho irônico. Denunciando o que é valorizado – a reverência cristã, a desconstrução desrecalca o que foi estruturalmente dissimulado – a violência das conquistas. Assim, esse Dom Afonso de Albuquerque surge no texto como aquele "sereníssimo" herói português que possui uma 'repulsa reverente' pelas divindades locais e promove destruições antes de ler os evangelhos. Sob o maciço discurso do regime, ouve-se um murmúrio desconstrutor; a descrição do aventureiro português é ampliada até o absurdo (DELEUZE & GUATTARI, 1977).

Redimensionando o passado português, Mário Cláudio busca o diálogo com o tempo pretérito, procurando investigar a imagem de Nação recortada pelo estado salazarista. A nação "construída" por Salazar correspondia à imagem veiculada pelo Estado Novo. Por esse viés, torna-se possível compreender a sua desconstrução na pós-modernidade, quando buscar a identidade da nação pressupõe um trabalho nas ruínas desse metarrelato – o projeto de hegemonia nacional. A fim de promover o descentramento desse modelo maciço de Nação, Mário Cláudio delineará sua grande alegoria – a Exposição do Mundo Português. Através da abordagem desse evento grandioso, o espaço homogêneo da nação sofrerá um estilhaçamento, uma desmontagem:

Esfarelava-se tenuamente a pedra de que eram conformados os colossos pátrios, a polvilhar o chão saibroso, onde tinham assentado, numa auréola luminosa, como se houvessem imprimido, aí, por milagre, o peso de sua envergadura.. (...) Os outros, os de gesso, que revertiam às oficinas, acabavam por se despedaçar, a golpes de cinzel e de martelo, estilhaçando-se numa matéria friável, que se colava, com muita teimosia, à sola dos sapatos. (TC p. 169).

Por entre o espaço dos pavilhões, inscreveu-se a história lusíada e é aí que se observará sua desmontagem. Os monumentos aos heróis, corroídos pelo tempo e pelos martelos, revelam os desgastes de uma narrativa histórica despedaçada pelo cinzel de uma outra história. Deslocando o peso da envergadura desses colossos pátrios, as vozes de Antônio e Maria, Júlio e Lídia combatem o esquecimento, a exclusão por meio de suas memórias tecidas nos detalhes, à margem dessa grandiosidade exposta.

No texto de Mário Cláudio, a memória adquire um caráter instável oscilando em uma sucessão de matizes e gradações. Nesse trânsito intenso, há o risco de se reduzir essa flutuação como faz a voz do Sistema, limitando o ato de rememorar a uma simples repetição, eco de acontecimentos celebrativos:

"- Achas que fomos, na realidade, tão grandes?" - perguntava-me a Maria, algo distraidamente, uns momentos antes. E quanto poderia responder-lhe consistia numa oração fragmentária, pejada dos adjetivos praticados até a exaustão pelos altifalantes da Emissora Nacional, que iam regulando, pelo meio, o trânsito das caminhonetas e fornecendo os sinais particulares das crianças extraviadas. Dentro de mim, lendo as legendas e decifrando os símbolos, vagavam repetitivas expressões, "ardor das batalhas", "mar sem fim", "portal do universo", "febre esgotante das Descobertas", "força do braço e do gênio", "arraial, arraial por Portugal". (TC, p. 76)

A dúvida instaurada - "algo distraidamente" - por Maria é recalçada pelo peso da "oração fragmentária" repetida devotamente por Antônio, demonstrando a violência do Regime em sua ânsia de forjar uma memória una, monolítica.

No entanto, a desconstrução dessa memória é operada mais explicitamente pela percepção de Antônio, que sente sua imposição nos "adjetivos praticados à exaustão pelos altifalantes da Emissora Nacional". O discurso do Sistema, que quer promover o silêncio por meio da imposição de uma história totalizadora, tem sua intenção desvelada pela escrita de Mário Cláudio.

Ao compor uma tocata em contraponto, Mário Cláudio utiliza a citação do passado não para reverenciá-lo, mas para torná-lo ambíguo, instaurando a dúvida - "Achas que fomos, na realidade, tão grandes?" Citando o passado, *Tocata para Dois Clarins* transforma-o em interrogação; o romance adquire a forma de uma citação distorcida, reescrita do que passou. Tal preocupação perpassa todo o texto, impossibilitando uma escrita seqüencial. Através da intervenção contínua de simultaneidades, as falas de Antônio e Maria se lançam em um lugar cindido pela violência discursiva do Regime. Esse emaranhado torna o texto um espaço íngreme, sujeito a variações já que as vozes que ecoam no romance ocupam geografias e histórias diversas.

Nesse contexto é que se reafirma a importância da monumental Exposição do Mundo Português, uma vez que é deste lugar - desmontado, descentrado,

deslegitimado em *Tocata para Dois Clarins* – que se delineia um espaço possível e necessário para a configuração da identidade nacional.

O texto de Mário Cláudio abre-se para a construção desse gigantesco monumento que pretendeu ser uma "alegoria" definitiva da nação lusíada. As imensas figuras esculpidas tornam-se as premissas básicas para a formação de uma memória nacional, na medida em que pressupõem as fronteiras nítidas de um passado intocável. A memória oficial portuguesa apresenta-se contornada pelos limites visíveis e estanques dos pavilhões da Exposição.

Como quer fazer lembrar o Regime, a grandiosidade de Portugal está condicionada ao culto de seu passado, à exaltação dessa memória em que a exclusão de conflitos justifica-se em favor da homogeneidade portuguesa. Um esquecimento compulsório perpassa todo o tecido nacional veiculado pelo regime, tornando a urdidura lusíada, como propõe BENJAMIN (1986), documento de cultura e de barbárie.

Ao aproximar-se o Inverno, encetamos a dura tarefa de desmontagem da Exposição do Mundo Português. (...) A decomposição dos pavilhões (...) oferecia espetáculo pouco encorajante, para quem, como nós, previra e delineara, construía e expusera o que se tinha transformado em muito mais do que a imagem de um povo, inexcusável de grandeza, celebrando o seu triunfo retumbante na história das civilizações. Perante os nossos olhos, desagregavam-se aqueles edifícios a revelar suas entranhas disseminadas do que fôra, e não nos enganamos, o espelho da totalidade de uma raça fortíssima. (TC, p. 166-167)

Se a narrativa da nação coesa caracteriza-se pelo esquecimento, na desmontagem invernal da Exposição, os escombros e as ruínas denunciam o que foi obliterado. A atitude alegórica aí presente, garantindo o espaço de *outras* vozes, instaura a ruptura e a descontinuidade no processo de busca de um outro esboço de nação. Não poderia haver otimismo nesse procedimento uma vez que, no processo de desmontagem da coesão nacional, recolhe-se tudo o que foi esquecido, tudo o que se poderia ter realizado, mas que não se concretizou. Por isso, o retrato alegórico é impregnado por uma insuperável melancolia no esfacelamento das estátuas dos heróis, na desolação das caravelas com as velas enfumadas, no aspecto fantasmagórico dos monumentos mutilados. Os emblemas da Pátria, as esferas armilares, as naus das conquistas se despedaçam sob a forma de um vento nefasto que varre o espaço da Exposição nacional. Os mecanismos usados para a configuração de uma "raça fortíssima"

se espalham, desnudando o presente como um vasto espaço de desolação.

À desmontagem da Exposição Nacional do Mundo Português articula-se o descentramento de um modelo de nação. As nuances desse processo revelam sua principal conseqüência: o sinal de sangue sob os higienizados pavilhões que narravam as aventuras lusíadas, as impurezas de histórias em frangalhos que contaminam o corpo da Nação.

O texto de Mário Cláudio torna-se espaço da corrupção de homogeneidades, espaço fraturado em que se inscrevem as cicatrizes do combate à unidade harmônica.

Constata-se que o esboço nacional que daí se depreende é apenas uma trilha entre outras. Se há tentativa de se traçarem os contornos de uma identidade lusíada, ela certamente, não prescinde dos ecos de um passado monumental. O caminho procurado constrói-se na intercessão, no cruzamento de vozes, de espaços de tempos diversos e se define como uma construção intermitente.

Escrever a Nação (BHABHA, 1995), em *Tocata para Dois Clarins*, torna-se uma resposta a um projeto anterior, caracterizando-se, assim, como uma escrita dialógica. A Nação esboçada no romance toma a forma de um espaço intertextual, em que a polifonia é condição imprescindível para os contornos esgarçados da identidade nacional.

Se o problema, conforme Deleuze e Guattari, não se configura na demanda da liberdade, mas na busca de uma saída, o texto dessa tocata desvenda trilhas não percorridas pelo discurso "maior" da história oficial. Assim, perfazendo o caminho de um texto "maior" encontra espaços que não foram trilhados pela história, ou melhor, que foram propositadamente obliterados por ela.

Compõem-se, então, um espaço para a audição de uma tocata em que as notas dissonantes substituem e englobam – por violência – os acordes estridentíssimos da partitura uníssona de Salazar. Nessa junção, há que se considerar o risco de um tecido nacional infeccionado, contaminado pelas diferenças – que rompendo com o *continuum* histórico, desnudam a barbárie, a perda, o sinal de sangue, o risco de tétano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ANTUNES, José Freire. *O Império com os pés de barro*. Lisboa. Dom Quixote, 1980.
- BASTOS, Maria Beatriz. *Metaficção Historiográfica - fronteiras de discursos, margens da nação*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1996. 121 p. (Dissertação, Mestrado em Teoria da Literatura).
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BHABHA, Homik. *DissemiNação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna*. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. Publicação avulsa. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1995.
- CLÁUDIO, Mário. *Tocata para Dois Clarins*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Kafka - por uma literatura menor*. Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- HOBBSBAWN, Eric, J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma In: *Poétique: Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo C. Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas; a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.